

# Delfim vai continuar comandando economia

Heitor Tepedino  
Correspondente

Londres - Contrariar interesses tanto de banqueiros como de industriais no Brasil passou a ser sinônimo de reforma de gabinete ministerial, pelo menos pela boataria que se cria planejadamente por fontes desconhecidas. E estranhamente isto ocorre agora justamente às vésperas das eleições. Neste momento o alvo mais visado tem sido o ministro do Planejamento, Delfim Netto, mas fontes seguras garantem que desta vez essas investidas não terão sucesso, por três motivos principais: 1 - Delfim Netto e sua equipe estão trabalhando para superar um desafio, contra as críticas de que só sabem agir sob a sombra de um ato institucional; 2 - O temperamento do ministro não se afina com atos de desistência; 3 - a estrutura da economia brasileira nos últimos 12 anos, foi altamente influenciada por Delfim e aceita pelo governo, e a sua saída seria refugar-se tudo o que foi feito.

Quanto às investidas contra outros ministros, apesar do valor pessoal de cada ministro com os seus conhecimentos que facilitam a administração de suas pastas, com a transformação da Secretaria do Planejamento em Ministério da Economia, nada alteraria a atual política em execução. Dai, não apresentar nenhuma vantagem para a nação. Os grandes atritos verificados dentro do governo sempre surgiram entre os Ministérios da Fazenda e do Planejamento. E o atual titular, Ernane Galvão, conseguiu eliminar esta animosidade tradicional entre os dois ministérios. O ex-ministro Karlos Rischbieter não teve esta paciência, porque realmente esta tarefa é espinhosa.

Contudo, no quadro atual da performance da economia brasileira, vale a indagação: para que trocar um ou todos os ministros de Estado? Trata-se de uma reformulação geral de orientação da economia? O novo governo vai eliminar a recessão, pagar a dívida externa, melhorar o nível salarial do país, equalizar melhor o padrão de vida de todas as camadas sociais? Os demais escalões da administração pública também receberão novos técnicos, ideias frescas, ou serão mantidos aqueles que pelo menos nos últimos 10 anos ocupam suas cadeiras cativas?

Caso não se pretenda executar nada disto, o melhor é o país continuar insistindo na reabertura política e deixar que o governo sobretaxe os banqueiros. Que os industriais recebam menos encomendas das empresas estatais, hoje altamente controladas, porque se o governo punir empresários inescrupulosos que estão roubando do consumidor, este mesmo empresário não pode ter poder para derrubar gabinete ministerial. E todas as reformas necessárias, somente serão feitas via abertura democrática, através do voto.

O melhor exemplo da nossa história contemporânea, de que a simples troca de homens nada acrescenta para o país, foi a renúncia do ex-ministro Mário Henrique Simonsen e a sua substituição por Delfim Netto. O que o Simonsen defendia? Corte drástico dos investimentos públicos (embora a expressão utilizada fosse desaquecimento), controle rígido dos meios de pagamento, aceleração da produção agrícola com cortes graduais dos subsídios do setor, contenção das importações e ampliação das exportações.

Apesar de publicamente achar-se que Delfim Netto pertence a outra escola, o que o atual ministro do Planejamento está fazendo? Recessão, corte rígido dos investimentos públicos, empresas estatais severamente vigiadas nos seus gastos, as importações contidas, o esforço de exportação redobrado, e a dívida externa com crescimento estritamente do necessário. A Agricultura, continua com a prioridade que sempre teve, mas os seus subsídios sofrendo cortes.

## POLITICA

Lá pelos anos de 1962, o ex-senador Mém de Sá, conhecido por sua integridade moral e pela honestidade de agir, ao votar um projeto político no Senado afirmava da tribuna que, segundo podia observar, não se tratava de defender-se uma idéia ou um objetivo, mas simplesmente via-se a luta pelo poder por um grupo de homens.

Pode-se verificar que 20 anos depois, muito pouco mudou no Brasil. Ainda se pede cabeças para defender-se interesses de classes minoritárias. O que não se aceita é justamente os motivos que incentivam alguns grupos a pedirem reformas, mas somente reformas de homens e não de base.

Apesar dos protestos e de ter-se de conviver com um quadro de um dia a dia difícil para qualquer assalariado, o volume da dívida externa brasileira, a dependência de crédito externo, os projetos em execução que deveriam ter ficado para depois do ano 2000, como o nuclear, entre outros elefantes brancos, qualquer dirigente da economia brasileira terá muito pouco espaço para agir, porque os compromissos são muito grandes.

## ECONOMIA MUNDIAL

Para agravar os problemas que sempre foram difíceis para os países em desenvolvimento, nos últimos anos os desenvolvidos também entraram no ritmo de recessão, de poupança, e tudo isto está exigindo mudança de rumos, reformulação de estruturas, mas cada vez está ficando mais difícil de furar o cerco da onda protecionista que criaram. A Comunidade Económica Europeia, por exemplo, garante a colocação dos seus produtos entre eles próprios, mantendo reuniões quase que mensais, enquanto os países em desenvolvimento não conseguem sequer fixar suas cotas de exportação de café, revelando um despreparo incrível para enfrentar os períodos de crise.

O que se observa nesses países europeus é que as medidas necessárias para o futuro de suas populações são adotadas com tranquilidade, mesmo que contrarie toda a população e mesmo as promessas eleitorais.